
A minissérie *The Dropout* e a sua tradução intersemiótica a partir do podcast homônimo¹

Lucas dos Santos VIEIRA²

Felipe Moura de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O presente artigo analisa como a minissérie *The Dropout* (2022) traduz os sentidos apresentados no podcast homônimo em sua adaptação, utilizando a tradução intersemiótica como guia teórico-metodológico. Procurou-se analisar de que maneira os sentidos presentes em um meio foram traduzidos para o outro, utilizando-se das teorias de C. S. Peirce, em especial por meio da leitura de Santaella (2000), e da perspectiva da tradução intersemiótica aliada aos estudos de Yuri Lotman, por meio de Irene Machado (2007). Pôde-se concluir que a relação interlinguagens entre os dois produtos cria a necessidade de substituição e complementaridade de signos, que atuam em diferentes graus de abstração e concreção ao que significam.

Palavras-chave

The Dropout; Tradução intersemiótica; Podcast; Jornalismo; Ficção seriada.

Introdução

O podcast *The Dropout* foi lançado originalmente entre janeiro e março de 2019 pela rede norte-americana ABC News. O projeto, composto por seis episódios, é narrado pela diretora de negócios da empresa e correspondente de tecnologia e economia Rebecca Jarvis e produzido por ela em parceria com as produtoras Taylor Dunn e Victoria Thompson. O termo “*The Dropout*” é uma expressão da língua inglesa que pode ser usada para se referir a estudantes que abandonam os estudos, podendo ser traduzida para o português como desistente, e, no caso do podcast, este título se refere à figura de Elizabeth Holmes.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: vieira.lucas.lucas@gmail.com

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); colíder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Digital - JorDi (UFRGS/CNPq). Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). E-mail: felipecomunica@gmail.com

Condenada por fraude em janeiro de 2022, cumprindo uma pena de nove anos, a empresária de Washington, DC, nos Estados Unidos, abandonou seus estudos na Universidade de Stanford em 2003 para fundar e investir em sua startup, a Theranos. A empresa tinha como principal proposta a realização de exames de sangue com apenas uma gota do fluido, podendo diagnosticar doenças e analisar a saúde dos indivíduos a partir desta gota e chegou a operar testes em pacientes, ainda que seu equipamento não funcionasse.

Conseguindo investimentos milionários e fazendo uma parceria com a farmacêutica Walgreens para centros de testagem, Holmes chegou a ser considerada uma das mulheres mais ricas do mundo pela revista Forbes. Somente com uma investigação realizada pelo The Wall Street Journal e divulgada em 2015, a operação da empresa foi exposta e iniciou o processo de derrocada da empresária e do seu principal auxiliar, Sunny Balwani. De acordo com o jornal USA Today, a empresa operou 40 centros de testagem em instalações da Walgreens e vendeu mais de 1,5 milhões de exames de sangue, esses rendendo 7,8 milhões de resultados de testes para quase 180 mil pacientes (Alltucker, 2018). Além disso, documentos judiciais apontaram que pouco mais de 1 em cada 10 resultados foram anulados ou corrigidos.

O podcast da ABC Radio e do Nightline aborda a trajetória de Elizabeth Holmes e da Theranos, indo desde seu período universitário e ascensão até sua queda, finalizando os seis episódios com uma contextualização de como estava a sua vida enquanto aguardava o julgamento.

Entre março e abril de 2022, a minissérie The Dropout foi ao ar no serviço de streaming Hulu, disponível apenas nos Estados Unidos. Desenvolvida por Elizabeth Meriwether e com produção executiva de Liz Heldens, Liz Hannah, Katherine Pope e das responsáveis pelo podcast Rebecca Jarvis, Victoria Thompson Taylor Dunn, a minissérie adapta os seis episódios originais do podcast em uma temporada com oito episódios de cerca de 50min.

A proposta de um podcast de jornalismo adaptado para o formato televisivo utilizando um modelo voltado para a ficção, e não para o documentário, originou questionamentos sobre esse processo. Afinal, enquanto um produto possui na objetividade e na busca pela verdade os seus guias, o outro, ainda que baseado em fatos, não possui as mesmas restrições e pode utilizar do seu formato para explorar facetas

diferentes das mesmas figuras. A análise de como a protagonista é adaptada para uma minissérie com elementos ficcionais tenta compreender que tipos de sentidos as decisões tomadas pela equipe criativa podem gerar para essa construção de Elizabeth Holmes no projeto do Hulu.

Uma das principais abordagens interessadas era sobre o que de fato era real na construção narrativa da minissérie, e, nesse caso, tirado diretamente do podcast, e o que foi escrito e criado pela showrunner Elizabeth Meriwether e a equipe criativa da adaptação. Ainda assim, o escopo de trabalho continuava muito amplo e sem clareza sobre algum elemento específico que fosse ser analisado.

Tendo esta base, e considerando quais seriam as questões mais marcantes entre cada meio, o foco passou a ser em compreender os sentidos que a adaptação constrói ao longo dos seus episódios. Devido ao fato de que o que se buscava compreender eram as interações de sentido entre dois produtos de formatos diferentes, a semiótica, através de Santaella (2000), Machado (2007) e Plaza (2003), passou a ser considerada uma vertente teórica que parecia se adequar à proposta.

Fundamentação teórica

Ainda que um dos modelos mais comuns de adaptação advenha da literatura, em sua forma clássica de romance, há a possibilidade de se ter textos-fontes diferentes, os chamados sub-literários. Assim, textos históricos, biográficos, reportagens, histórias em quadrinhos e músicas são exemplos de possibilidades de fontes. Para Stam (2006), mesmo obras audiovisuais que não são diretamente inspiradas em algo existente, com premissa original, envolveriam algum processo de adaptação a partir do roteiro, o que faz com que sempre haja intertextualidade e escrita envolvidas.

Um outro conceito é levantado por Julie Sanders (2016), em sua obra *Adaptation and appropriation*, a respeito da apropriação. Sanders discorre sobre o que seria se apropriar de algo e o que seria adaptar. Para a autora, ao se adaptar uma obra há uma relação sinalizada entre os chamados textos de partida e de chegada, já na apropriação, há uma distância maior entre os objetos, gerando um novo produto cultural.

Acontecimentos reais também são uma fonte para a ficção adaptar e se apropriar. Nesse caso, eles se tornam uma interpretação e perdem parte do seu caráter de realidade.

Sanders discorre que esse tipo de trabalho pode servir como uma forma de se refletir questões contemporâneas em voga, ainda que possa gerar alguma reação contrária.

Quando esses eventos são muito recentes, isso pode, em alguns momentos, ter um efeito inquietante no público, gerando a pergunta de como os personagens ou eventos no palco devem ser lidos em comparação com as vidas em que foram inspiradas. Em que momentos as divergências dos fatos conhecidos, e entrada no reino da especulação, se tornam antiéticas e moralmente duvidosas, ou sempre reafirmamos o conceito de liberdade artística e simplesmente pedimos ao público a consciência que o que estão assistindo é, para todos os efeitos, uma adaptação? (Sanders, 2016, p.183-184, tradução nossa).

A minissérie *The Dropout* pode ser enquadrada através desta perspectiva em sua retratação da figura de Elizabeth Holmes em meio ao andamento do seu caso e suas consequências. Além disso, as perspectivas de construção de sentido e os processos de tradução entre os produtos se relacionam com a semiótica, através de Santaella (2000), Machado (2007) e Plaza (2003).

Santaella destaca uma classificação da relação sógnica ligada ao efeito produzido pelo signo e que pode ser compreendido como uma subdivisão da outra classificação: os efeitos emocional, energético e lógico. O primeiro envolve o efeito de qualidade, de sentimento, que um signo gera, essa qualidade é inalisável e intraduzível. O segundo é quando alguma energia é despendida, tanto de forma física e muscular como esforços interiores e atos de imaginação. Por fim, o último é o pensamento ou entendimento geral que o signo gera no intérprete, sendo uma regra geral, um hábito expresso por palavras.

Assim, é possível estabelecer que:

O ícone é um signo cuja virtude reside em qualidades que lhe são internas e o funcionamento como signo será sempre [...] dependente de um intérprete que estabeleça uma relação de comparação por semelhança entre duas qualidades: aquela que o próprio ícone exibe e uma outra que passará, então, a funcionar como objeto do ícone. O índice é um signo onde a virtude está na sua mera existência presente, em conexão com uma outra que tem por função chamar a atenção de algum intérprete para essa conexão. O símbolo é um signo cuja virtude está na generalidade da lei, regra, hábito ou convenção de que ele é portador e a função como signo dependerá precisamente dessa lei ou regra que determinará seu interpretante. (Santaella, 2000, p.132).

É possível traçar um paralelo na minissérie *The Dropout* como um ícone com qualidades cujas semelhanças denotam diretamente ao podcast homônimo de jornalismo. Esse paralelo é construído por meio do ponto de vista de um intérprete.

Além disso, o podcast pode ser encarado como um objeto, que gera um signo (o produto audiovisual) por meio de um interpretante (a equipe de adaptação).

Já em uma relação com os elementos da semiótica da cultura, segundo Lotman, a semiosfera é o ambiente onde os signos habitam e realizam interações, a semiose entre os diferentes modelos de cultura. Entre as características que definem a semiosfera está o fato de ser um organismo complexo, vivo e dinâmico, além de, ao mesmo tempo, possuir um mecanismo de funcionamento como uma unidade e possuir uma grande diversidade de sistemas culturais em sua composição. As relações que ocorrem dentro da semiosfera são a base para o estudo dos elementos da cultura. Dessa maneira, nesse ambiente há “um processo dinâmico entre o centro [...] e a periferia [...], onde o contato entre culturas muito diferenciadas ocorre livremente. Na interação entre centro e periferia se dá a renovação, o surgimento de novas formas culturais” (Ramos, 2007, p.35).

Essa relação entre dois sistemas modelizantes culturais distintos em que são realizadas trocas de sentido e de informação por meio do processo de tradução de códigos presentes em seu espaço se articula de forma direta com os objetos em análise neste trabalho. O sistema cultural do podcast e o sistema cultural da minissérie televisiva, ou textos, se relacionam e possuem fronteiras que se conectam e trocam elementos e sentidos para sua composição, podendo existir de forma isolada mas com grandes interconexões de sentido que os unem.

Luz (2007) analisa o produto feito para TV como um signo e denota que:

A TV imprime às mediações que se originam na cultura audiovisual certa descontinuidade narrativa e conceitual. A imagem visual e o áudio, inerente a esses signos, são textos autônomos que poderiam muito pertencer ao rádio, à TV, ao cinema, ou à Internet. Parece não emergir desse processo de criação uma nova sensorialidade, os níveis sensoriais já foram, de certa forma, explorados pelo rádio e televisão, ou outros formatos que circulam pela tela pequena situada no espaço doméstico. É linguagem audiovisual construída com uma pluralidade de textos codificados e permitindo novas codificações (p.10).

A mistura de elementos que formam o produto audiovisual faz com que ele se torne um objeto rico para a codificação de textos dentro dessa semiosfera. A perspectiva do áudio, trazida pelo podcast, aliada a esse conjunto de textos que a imagem imprime aumenta ainda mais os sentidos a serem traduzidos entre os dois textos.

Metodologia

Em relação à estratégia metodológica adotada para este artigo, foi utilizado um arranjo original para comportar os objetivos que buscava-se alcançar. Dessa maneira, foram selecionados dois episódios de cada um dos produtos, o primeiro e o último, por seu caráter de introdução e encerramento da trama, e criadas quatro categorias de sentidos em que houve a decomposição dos episódios entre elas.

Para esse processo, houve inspiração em elementos da análise de conteúdo, com base em Herscovitz (2007), em que “cada categoria nominal ou ordinal terá uma definição com seus indicadores, dimensões e atributos descritos de forma sucinta. Estas definições-chave [...] indicarão as definições operacionais e suas unidades de registro” (p.132).

Tabela 01 - Categorias criadas para a realização da análise

Categoria	Critério de Classificação
SP - Sentidos Preservados	Situações em que há a transposição de um acontecimento ou fala de um meio para o outro, de forma quase literal
SD - Sentidos Desprezados	Situações presentes no podcast que não são retratadas na minissérie
SA - Sentidos Adicionados	Situações criadas especialmente para a minissérie, sem uma base concreta no podcast
SR - Sentidos Reinterpretados	Situações abordadas no podcast mas complementadas e trabalhadas com diferenças na minissérie

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Herscovitz (2007).

Após esta classificação, os sentidos identificados foram analisados a partir dos estudos semióticos, com ênfase na tradução intersemiótica, através da semiótica peirceana, e na semiótica da cultura, a fim de se compreender como os sentidos levantados no podcast The Dropout eram traduzidos para a minissérie homônima.

Principais resultados

Tabela 02 - Presença de cada categoria a partir dos recortes dos fenômenos

Categoria	Incidência identificada nas obras
SP - Sentidos Preservados	10
SD - Sentidos Desprezados	06
SA - Sentidos Adicionados	31
SR - Sentidos Reinterpretados	16

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Herscovitz (2007).

Embora a metodologia não se baseie em uma análise quantitativa, foi possível inferir, a partir da classificação das cenas e situações apresentadas em cada produto, por meio dos episódios selecionados para este processo, a quantidade que cada sentido foi representado nas obras. Os números de incidência de cada categoria serviram como uma fundação para se pensar o quanto da adaptação se firmava no conteúdo que a baseou e o quanto isso foi trabalhado de outras formas.

Conforme ressaltam De Oliveira, Stefenon e Abreu (2021), a partir de Santaella (2008), “todo signo, portanto, apresenta certo “grau de interpretabilidade que lhe é próprio”. Isso quer dizer que o signo me dá algumas ferramentas para criar determinada interpretação e não outra, porque represento/falo de uma coisa e não outra” (p.07).

Tendo como base esta perspectiva, pode-se concluir que a adaptação de The Dropout cria interpretações próprias sobre acontecimentos narrados no podcast de origem, especialmente na categoria Sentidos Reinterpretados, mas, ainda assim, o signo mantém uma ligação com o objeto-base que o gerou. A utilização dos SR funciona como uma forma da obra audiovisual trazer informações ou acontecimentos relevantes para o público sem a necessidade de seguir exatamente o que é descrito no podcast, aproveitando as possibilidades que o meio oferece.

Julio Plaza (2003) retoma os escritos de Peirce para desenvolver uma perspectiva da tradução intersemiótica. O autor argumenta que o próprio pensamento já pode ser considerado um exemplo de tradução pelo fato dos signos trazerem à mente objetos de espécies diferentes dos revelados por uma outra espécie de signos. Trazendo

para análise os fenômenos em pauta neste trabalho, é possível enquadrar a figura de Elizabeth Holmes como um exemplo de objeto, que é interpretado de duas formas diferentes, em dois signos distintos, através das produções analisadas. Entretanto, por seu caráter,

o signo não pode ser o objeto, pode apenas representá-lo porque, de uma forma ou de outra, carrega este poder de representação. Mas a representação, por sua vez, só se consoma no efeito que o signo produz numa mente, na qual se desenvolverá – quando o signo é da natureza de uma lei – um outro signo também da natureza de uma lei (Plaza, 2003, p.20).

Por este fator, mesmo que o podcast seja um produto de jornalismo, que se ancora em trazer fatos, a sua visão de Elizabeth e a forma como a retrata não podem ser considerados como a própria Holmes, apenas uma representação dela a partir dos signos que a moldam como a figura que se tornou pública.

Em relação aos Sentidos Preservados, suas presenças são marcadas, mesmo que não sejam tão recorrentes como outras categorias. A possibilidade que uma cena audiovisual possui de transmitir informações em apenas alguns segundos faz com que essa tradução entre as linguagens consiga comunicar sentidos de forma semelhante. Por meio das trocas entre as fronteiras que separam e unem as diferentes semiosferas, essa comunicação se torna possível.

No caso dos objetos abordados neste artigo, pode-se identificar dois sistemas modelizantes secundários, um referente ao podcast e um referente à minissérie, que utilizam uma linguagem natural e criam uma nova de segundo nível. Além disso, o próprio podcast como uma semiosfera passou por um processo de tradução a fim de gerar um novo produto, a minissérie, que, por sua vez, também acaba possuindo uma nova semiosfera.

Ademais, pelo fato da fronteira ser considerada algo móvel, “tudo depende do ponto de vista do observador: se ele for externo, provavelmente julgará que alguns elementos fronteirizos, considerados pela própria semiosfera como alheios, na verdade também fazem parte dela” (Américo, 2017, p.09). Desse modo, um observador alheio aos conteúdos originais de The Dropout, por exemplo, pode enxergar elementos presentes na adaptação apenas como são representados, sem um contexto maior sobre o que está sendo retratado ou deixando de ser.

Por fim, as perspectivas sobre as categorias de Sentidos Adicionados e Sentidos Descartados reforçam que, para além das diferenças de mídia, áudio e audiovisual, as construções de estrutura e de escolhas narrativas de cada meio permite explorar facetas diferentes de um mesmo objeto. Essa relação interlinguagens entre os dois produtos cria a necessidade substituição e complementaridade de signos, que atuam em diferentes graus de abstração e concreção ao que significam.

O principal destaque em relação aos elementos descartados do podcast no processo de tradução são os relatos de alguns funcionários ou conhecidos de Elizabeth que detalham suas experiências com a ex-empresária, realizados em formato de entrevista, um elemento próprio do formato de podcast e do jornalismo. Lotman discute em sua obra o fenômeno da intraduzibilidade, quando não há correspondências de significado em um mesmo modelo e a tradução se torna impossível por princípio. Por conta deste processo, surgiriam novos textos e novas linguagens culturais.

Surgem as situações semelhantes às da tradução artística: a necessidade da tradução, impossível de antemão, obriga a estabelecer correspondências ocasionais ou aquelas que possuem um caráter metafórico. Na tradução, o elemento do texto que está sendo traduzido pode corresponder em certa medida a um conjunto de elementos, e vice-versa. O estabelecimento de uma correspondência sempre subentende uma escolha, está ligado a dificuldades e possui um caráter de descoberta, insight. É justamente essa tradução do intraduzível que representa o mecanismo de criação da nova ideia. Em sua base não está uma transformação unívoca, mas um modelo aproximado, uma assimilação, uma metáfora (Lotman, 2001, p.566, apud Américo, 2015, p.22).

Assim, o conceito de intraduzibilidade dialoga com as categorias SD e SA pelo fato de que elementos particulares presentes no podcast não puderam ser traduzidos para a minissérie de uma forma que mantivessem os sentidos originais, os SD. Ademais, conforme destacado por Lotman, esse processo de tradução do intraduzível gera uma nova ideia e, desse modo, surgem os fenômenos categorizados como SA, que são criados para suprir lacunas e ampliar o escopo da trama e dos personagens que a compõem.

Plaza (2003) aponta que

a distinção entre experiência de primeira e de segunda mão significa, de um lado, a distinção entre percepção como contato imediato com a coisa em si e, de outro, num grau superior mais complexo, com a coisa de forma mediada, através de algo que nos provoca o percepto indiretamente, isto é, através das linguagens e códigos, imagens e modelos como substitutos. Quer dizer: os

signos se interpõem entre nós e o mundo, mas ao mesmo tempo nos presenteiam com significações e apresentações de objetos que, sem eles, não viriam até nós e com situações até mesmo previamente inexistentes (p.49).

Além disso, devido à diferença que cada meio possui já na sua composição, o seu efeito ganha força, de modo que o próprio conteúdo gerado pode ser considerado um outro meio, como destaca McLuhan (1964). A partir dessa concepção, há a produção de novos sentidos a fim de que cada mídia consiga utilizar da sua linguagem sem tantas restrições.

O objetivo com que cada obra foi criada também impacta nas possibilidades das suas abordagens. Ainda que ambos os produtos almejem contar a história de Elizabeth Holmes e sua ascensão e queda com Theranos, a forma como o fazem difere. Enquanto um podcast de jornalismo, *The Dropout* é pautado em um trabalho de investigação, entrevistas, e um compromisso na forma como aborda as informações e os indivíduos retratados.

Conforme ressaltado por Kovach e Rosenstiel (2005), cabe à imprensa se concentrar na síntese e na verificação, eliminando aspectos como rumores e o que é insignificante e acessório para se concentrar nos fatores que são realmente importantes para determinada história. “À medida que os cidadãos são confrontados com um fluxo de dados cada vez maior, têm mais necessidade – e não menos – de fontes identificáveis dedicadas à verificação dessas informações, destacando o que é importante saber e filtrando o que não é” (Kovach; Rosenstiel, 2005, p.48).

Já a versão de *The Dropout* para o formato seriado não possui as mesmas restrições. Devido ao fato de abordar figuras reais e que podem ser afetadas pelo conteúdo, a obra busca manter a sua abordagem de forma complexa, evitando a caricatura daquelas pessoas, mas tomando liberdades em sua construção. Essa complexidade tem sido característica dos modelos televisivos, e de streaming, contemporâneos. Mittel (2012) afirma que “as narrativas complexas contemporâneas apresentam as habilidades da compreensão narrativa e da literacidade para a mídia que muitos espectadores desenvolveram, mas raramente usam além de uma forma rudimentar” (p.50). Desse modo, a obra se aproveita do meio oferecido para compor uma trama interessante e que, ao não se prender completamente ao material base, consegue utilizar ao máximo seu espaço.

Referências bibliográficas

ALLTUCKER, K. **As Theranos drama unwinds, former patients claim inaccurate tests changed their lives**. Notícia do USA Today. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/nation/2018/07/05/theranos-elizabeth-holmes-lawsuits-patients-harm-arizona/742008002/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

AMÉRICO, E. V. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 5-20, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/bjLH7zFRPJQwxJgJhjJCzPB/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2023.

_____. O conceito de tradução na obra de Iúri Lotman: entre a intraduzibilidade e liberdade. **Tradterm**, [S. l.], v. 24, p. 17-33, 2015. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2014.96128. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/96128>. Acesso em: 01 out. 2024.

DE OLIVEIRA, Felipe Moura de; STEFENON, Eduarda; ABREU, Júlia Ozorio de. O dorama como texto da cultura: a mulher nas séries sul-coreanas mais vistas entre janeiro e junho de 2020. **Semeiosis - Transdisciplinary Journal Of Semiotics**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 97-112, dez. 2021. Disponível em: <https://semeiosis.com.br/issues?issue=p8wNnlEhYa81AH2PGZ8V&article=g69MjW9fPiZf0oQIXDXt>. Acesso em: 02 ago. 2023.

HERSCOVITZ, H. G. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: BENETTI, M.; LAGO, C. (org.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os Elementos do Jornalismo: O Que Os Profissionais Do Jornalismo Devem Saber E O Público Deve Exigir**. Porto: Porto Editora, 2005.

LUZ, I. P. **O signo audiovisual e a inter-relação cinema/TV**. São Paulo: Annablume, 2007. 1 CD-ROM [acompanha o livro: MACHADO, Irene (org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007]

MACHADO, I. (org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MITTELL, J. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. **MATRIZES**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 29-52, 2012. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v5i2p29-52. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/38326>. Acesso em: 29 mai. 2023.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SANDERS, Julie. **Adaptation and Appropriation**. 2. ed. Londres: Routledge, 2016.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. Pioneira, 2000.

STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Ilha do Desterro** - A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, v. 0, n. 51, 2006.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19/9004>>.

Acesso em: 22 jun. 2023.

THE DROPOUT. Criação de Elizabeth Meriwether. Estados Unidos: Hulu, 2022. son., color. Série exibida pelo Star+. Acesso em: 8 ago. 2023.

THE DROPOUT. [Locução de]: Rebecca Jarvis. [S.l.]: ABC News, 2019. Podcast. Disponível em: <https://abcaudio.com/podcasts/the-dropout/>. Acesso em: 8 ago. 2023.